

ESTUDOS CRÍTICOS

Lavrar/navegar.

O mar na tradição popular portuguesa

Ana Paula Guimarães

IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (FCSH – Universidade Nova de Lisboa)

Joana Gaspar de Freitas

IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (FCSH – Universidade Nova de Lisboa)

Portugal e o mar

Quem vai ao mar, perde o lugar

Muito se tem escrito sobre Portugal e o Mar. Nos séculos XIX-XX, historiadores, geógrafos e etnólogos (Braga, 1894; Eça, 1895; Teles, 1929; Martins, 1972; Sérgio, 1973; Cortesão, 1978; Sampaio, 1979) explicaram a especificidade do povo português como produto da forte ligação ao mar e da vocação para as actividades náuticas, propiciadas pelas características do território e pela extensa fronteira marítima. Com base nesta crença forjou-se uma memória-mito,¹ que serviu ao Estado

¹ Sobre o mar dos poetas portugueses veja-se Fanha / Letria (2003). Ou atente-se, por exemplo, no poema “Foz do Tejo, um país”, de Fiama Hasse Pais Brandão: “É uma nação única de memórias do mar, / que não responde senão em nós. / Glórias, misérias, que guardámos por detrás do olhar lírico / e da língua, a silabar dentro da boca. / Nunca chamámos o mar nem ele nos chama / mas está-nos no palato como estigma.”

Novo para justificar os seus próprios interesses, contribuindo para a manutenção de uma visão, que ainda hoje predomina, de uma estreita ligação entre Portugal e o Oceano, associada aos Descobrimentos, à herança ultramarina e à experiência colonial (Polónia, 2010). No país “onde a terra se acaba e o mar começa” (Camões, 1572: VIII, 78, 4), no “navio-nação”, como lhe chamou Eduardo Lourenço (1997), disseminou-se e consolidou-se a ideia de que a sua circunstância de litoral aberto ao mundo era condição intrínseca da sua própria existência, noção veiculada e transmitida ao longo de gerações e propalada como motivo de orgulho nacional. Pois, como cantava António Gedeão (2003: 102), “provo-me e saibo-me a sal. Não se nasce impunemente / nas praias de Portugal”.

Elsa Peralta (2008), reflectindo sobre o Mar enquanto elemento caracterizador da identidade portuguesa, diz que esta associação é produto de um conjunto de vivências próprias nascidas da experiência das navegações, em especial da construção de uma narrativa “épica, ficcionada, mítica”, que resulta “sobretudo da inculcação e difusão de representações de grandiosidade encetadas pelo Estado e pelos intelectuais” (*Idem*: 78), destinada a imprimir um cunho ímpar ao percurso histórico dos portugueses, tendo em vista o reforço dos seus laços identitários enquanto nação. Este Mar que se exalta e se projecta – numa certa historiografia e na literatura – “é puro memorial. Uma memória fetiche construída sobre um conjunto de valores e acepções, ideologicamente construídos, sobre o que é a especificidade histórica de Portugal no Mundo” (*Idem*: 83). Um discurso forjado por razões intelectuais e políticas que nada se aproximava da realidade tangível do dia-a-dia das populações que viviam da pesca no mar da costa.

Como alguns autores notaram, há “muita terra, pouco mar” (Guimarães, 2004: 198) na tradição popular portuguesa. Leite de Vasconcelos, por exemplo, reparou que “apesar de Portugal ser um país de navegadores, não t[inha] recolhido nem muitas, nem muito extraordinárias tradições do mar” (Vasconcelos, 1882: 81). A literatura popular parece não se interessar pela experiência atlântica, as referências existentes (e são algumas, apesar de tudo) expressam as situações extremas da viagem – por exemplo, a Nau Catrineta –, mas sobretudo, o sofrimento dos que ficavam, a mágoa da separação, as práticas dos que viviam com os olhos postos no horizonte à espera de um regresso. Numa oposição clara a uma historiografia erudita que destaca a vocação marítima dos portugueses, a tradição popular conta a história dos que ficavam em terra e para quem o mar (próximo) surgia como fonte de

sustento e representava a luta pela sobrevivência diária. Mas qual era a relação das populações piscatórias com o seu espaço? Como é que o povo pensava, cantava e contava o litoral e o mar?

Nas páginas que se seguem, apresentam-se múltiplos exemplos das Falas do Mar e da Terra,² presentes na Tradição Popular (oral e escrita), mostrando como Portugal, estreito pedaço de terra entre dois mares, o Mediterrâneo e o Atlântico,³ foi jançada de pedra, onde se lavrava e navegava, ao ritmo das estações.

Porque esta introdução já vai longa... *Deus adiante, o mar é chão*: vamos ao que interessa seguindo a **água** que parte, a **areia** que fica e a **espuma** que convida a dançar...

Terra e mar

Por S. Simão, semear sim, navegar não

Com excepção das reentrâncias – estuários, portos naturais, baías abrigadas –, onde cedo se fixaram povos e povoações, o litoral português (especialmente na costa ocidental), exposto à ressaca e às tempestades, sujeito à violenta nortada, constituiu um território hostil e agreste, pouco atreito à fixação permanente das populações. A implantação de comunidades neste ambiente implicou grande capacidade de adaptação ao meio e o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência (Souto, 2007: 138; Freitas, 2016). Estratégias que passaram pela apropriação do espaço, pela delimitação dos ciclos de trabalho em função dos ritmos da natureza, pela diversificação das actividades e pela adopção de comportamentos oportunistas. Por longo período, os trabalhos marítimos assentaram numa base de precariedade, sazonalidade e pluralismo ocupacional (Freitas, 2016).

² Estes exemplos foram recolhidos pelas autoras ao longo de anos de investigação e pelos alunos do Seminário de Literatura Tradicional Oral, leccionado na NOVA FCSH, no ano lectivo de 2000-2001. Aqueles que contribuíram com informação específica para este trabalho são mencionados no texto e nas notas.

³ Orlando Ribeiro ([1943] 1991: 39) afirma que, em grande parte, é exacta a fórmula de Pequito Rebelo (1929: 55): Portugal é mediterrâneo por natureza, atlântico por posição.

Na maioria das povoações dos litorais abertos, terminada a época da pesca, por alturas de Novembro, a população procurava meios de sobrevivência alternativos, dedicando-se a outros géneros de pesca (em rios e lagoas), partindo para as suas aldeias e vilas de origem, praticando uma agricultura de subsistência onde ela era possível ou ocupando-se em actividades subsidiárias. A pluralidade reflectia a originalidade deste território, o seu carácter de interface entre a terra e o mar, os equilíbrios e os desequilíbrios da economia local, onde as escolhas eram ditadas pela necessidade, alternando as actividades marítimas com as práticas agrícolas e/ou artesanais, sendo a pesca tantas vezes uma ocupação secundária face à preponderância da vida dos campos.

Sobre a sazonalidade da pesca, a imprevisibilidade dos elementos marinhos e os modos de vida destas comunidades agro-marítimas falam os provérbios:

*Andar, marinheiro, andar que não te apanhe S. Simão [29 de Outubro] no mar.
Nem em Agosto caminhar, nem em Setembro marear, nem em Dezembro navegar.
Outubro, Novembro e Dezembro, não busques o pão no mar, mas torna a teu celeiro e abre teu mealheiro.*

Do mar para a terra

*Nunca lhe chegou a maré ao sargaço*⁴

Nas regiões do litoral, a vida rural era profundamente penetrada pelo oceano.

Na orla costeira do Minho, por exemplo, as actividades marítimas estavam intrinsecamente relacionadas com as práticas agrícolas. A apanha do sargaço e a pesca do caranguejo (o pilado) traziam os homens do interior até à costa, em busca de fertilizantes naturais para as suas terras. Nas freguesias mais perto do mar,

⁴ Expressão recolhida por Maria Lamas ([1948-50] 2002: 58).

era raro o lavrador que não possuía barco para a pesca e para a apanha de algas (Faria, 1899: 183). Sobre isto escrevem Ernesto Oliveira *et al.* (1990: 70):

Apesar da dureza e da violência deste trabalho, ele decorria numa atmosfera animada e de certo modo alegre, tomando, pelo facto de ser executado por muita gente junta, em igualdade de circunstâncias, a feição dos trabalhos colectivos, em que eram muito sensíveis os aspectos lúdicos e competitivos. As longas esperas que as vicissitudes dos movimentos das algas e das marés impunham eram ocasiões de conversas e brincadeiras. *Ir ao argaço* [às recolhas das algas chama-se significativamente “colheitas”] era uma tarefa que muitas pessoas trocavam de bom grado por outros menos duros. Acresce que, por vezes, a gente nova encontrava no *argaço* que recolhia – e depois vendia – um meio de realizar um numerário em vista à satisfação de certos desejos que de ordinário a economia da casa não lhes facultava.

Os autores (*Idem*, 15) referem a “natureza híbrida” da apanha do sargaço, empresa subsidiária da lavoura e movimento bem definido de aproveitamento e valorização das areias, iniciado nos finais do século passado, para a «descoberta do terreno», ou seja, terras de cultura hortícola intensiva – os «campos de masseira» típicos da região.

Alguns termos utilizados reflectem também esta hibridéz. *Masseira* é um termo que vem da terra para o mar, do lugar onde se amassa o pão para o campo fertilizado pelas algas. Porque se trata de uma tarefa de *ganhapão*, significativa denominação de um camaroeiro piscatório, que arrasta para o mar o nome de um alimento da terra (*Idem*, 55). Por sua vez, as algas eram *ceifadas* como qualquer cereal... (*Idem*, 62).

Da terra para o mar

O mar que é mar nem sempre dá, hoje não há, amanhã haverá

A faina marítima era também profundamente penetrada pelo mundo rural. Os bois “lavram” no mar? O boi é besta de trabalho primeiro na terra. Depois, no mar... Por exemplo, na costa de Aveiro ou na Nazaré:

os bois de lavoura entram nas ondas para puxar as redes carregadas de peixe; e assim como o tractor vai substituindo as juntas de gado, a ele se pede agora o mesmo serviço. Camponeses e pescadores, com um pé no mar e outro em terra, arando ou recolhendo mariscos [significativamente chamados em Itália e agora também em Portugal: *frutos do mar*] e algas, estes valentes pioneiros da colonização interna não se poupam a esforços para extrair, do solo ou das águas, mantimento e riqueza (Ribeiro, 1991: 128).

Parte-se para a pesca *lavrando* o mar (não para o *navegar*, mas para o *arrotear*).⁵ À pescaria chama-se significativamente *saфра*, o mesmo termo que se utiliza, por exemplo, para a colheita da azeitona! – e ao seu ritmo próprio, *saфра* e *contra-saфра* (Ribeiro, 1991: 14-15).

“Mar te dê Pão!”, diz-se na Nazaré (o mesmo que “Valha-te Deus!”).⁶ Aos remos chamam enxada – segundo Marta Pereira – ralhando com eles e incentivando-os a “furar o mar bravio”.

E que dizer destas quadras recolhidas na Ilha da Madeira?

No meio daquele mar
Tem um lindo pessegueiro
Dá frutinha todo o ano,
Até ao mês de Janeiro.

No meio daquele mar
Tem uma latada de uvas.
Não há faca que as corte;
Lá se perdem de maduras. (Pestana, 1965: 151)

⁵ *Lavrar o mar* é o título de um livro de Luís Filipe Barreto (2000), editado pela Comissão dos Descobrimentos, que diz que os portugueses fizeram o impossível transformando o mar na sua terra, pois que o domínio do mar lhes assegurou o acesso a novos espaços e rendimentos.

⁶ Expressão recolhida por Marta Pereira, aluna do Seminário de Literatura Tradicional Oral.

Entre terra e mar: um modo de vida anfíbio

Quem quer pescar, há-de se molhar

Nas terras à beira-mar plantadas, predominava uma cultura “agro-marítima”, baseada na pluriactividade, como mostram Ernesto Veiga de Oliveira *et al.* (1990), na sua obra sobre os sargaceiros, que tão bem exemplifica essa complementaridade entre a terra e o mar, que caracterizava o litoral português.

Em muitos lugares da beira-mar, onde a população é densa, constitui-se um modo de vida anfíbio, onde os trabalhadores largam os campos por uns meses de prosperidade nas armações, e as mulheres trabalham na courela do casal. Acontece isto, na região de Sesimbra. (Ribeiro, 1991: 127)

Quando há falta... de terras, de alimentos... há que *amanhar-se* para sobreviver. Mais uma vez as metáforas pelas quais vivemos contaminam terra e mar.⁷ Vimos já as *masseiras*, o *ganhapão*, o mar a dar *pão*, o remo a ser *enxada*; o mar a ser *lavrado*, a *safrá* da azeitona e a *safrá*, a pesca.

Um curioso termo é este: *amanhar, amanhar-se*.

Amanhar a terra.

Amanhar o mar (sondar-lhe as manhas), amanhar peixe, torná-lo comestível.

Amanhar também, hoje em dia, a televisão avariada (no Alentejo).

Não haverá melhor exemplo dessa vida anfíbia – daqueles que se amanham a viver entre terra e mar – que não seja a vida do Faroleiro, vida de homem que vem do mar (da Marinha) e vai para a terra, que vem da terra e tem como missão olhar o mar.

⁷ Outros exemplos: Parecer um mar de rosas / Estar de maré / Andar à deriva / Ficar a ver navios / Ancorar/Enraizar.

Tem casa em terra, tem os olhos na água e os olhos são faróis:

Os olhos do meu amor
São mais que faróis de guerra.
Inda não chegou à barra
Já dão claridade em terra. (Pestana, 1965: 152)

É o farol que faz a ponte entre os dois mundos: é ele que guia, conduz, orienta, impedindo a deriva, o naufrágio, o encalhar na terra (do rochedo, do fundo do mar) em vez do acostar ao cais.

Sois o farol da bonança
Salvai-nos da marinhagem
E das negras fúrias do mar! (Sardinha, 2000: 271, 292, 298)

Os próprios nomes e as próprias pinturas com os quais se baptizam e enfeitam barcos de mar e de estuário, por exemplo, denunciam, por um lado, esta hibridéz entre mundo da terra e mundo do mar:

MUDAR DE VIDA (barco de um camponês sesimbrense que decide dedicar-se à pesca)
AURORA (barco da Moita com uma pintura de uma cena – não de mar mas de terra – do universo da tauromaquia!)
MONTADOS, VENCEMOS O AMOR! (Barco com flores, com cavalo).

Por outro lado, os nomes dos barcos revelam a profunda diferença entre o mar perigoso da costa atlântica e o mar *interior*, dos rios, das rias, dos estuários.

Os primeiros, os barcos do mar...⁸ são baptizados com cerimonial solene – religioso. O senhor prior ergue o hissopo e asperge de água benta proferindo uma oração:

⁸ Confirmámos esta denominação através das pesquisas realizadas por algumas alunas do Seminário de Literatura Tradicional Oral: Christele, Rute e Sónia em Sesimbra, Marta na Nazaré e Cátia e Lina na Moita (Sarilhos Pequenos).

Três Marias se vestiram
 Numa noite de luar,
 Foram procurar o Senhor,
 Não o puderam achar;
 Encontraram-no em Roma
 Vestidinho no altar
 [...]
 É uma barquinha nova
 Que se vai deitar ao mar,
 Com o nosso Senhor dentro
 E os anjinhos a remar.

Têm nomes de familiares, expressões afectivas, de homenagem ou promessa, mitológicos e sobretudo nomes religiosos de santos devotos ou expressões devotas:⁹

FILHA DE DEUS (diz o Sr. António Macedo: “tal como nós viemos ao mundo e somos todos filhos de Deus, também os barcos estão nas mãos de Deus, nas mãos do destino... por isso é que é *filha de Deus*”).

PAI DO CÉU (diz José Carambola que “de todos os barcos que teve nunca pôs outro nome que não estivesse relacionado com Deus”).

PODER DE DEUS

FÉ EM DEUS

DEUS ME SALVE

SALVÉ DEUS

VOU COM DEUS.

E outros nomes sempre auspiciosos:

VOU COM FÉ

SOL DIVINO

SANTA LÚCIA

SANTA MÃE

SANTA MARIA ADELAIDE

VIRGEM DA AJUDA

⁹ Nunca Senhor das Chagas, muito adorado em Sesimbra. Para não ser banalizado?

Ainda:

SEMPRE CORAGEM

FELIZ REGRESSO

DIREITO AO DESTINO, PAZ E SOSSEGO (desejo que não se realizou porque “no primeiro dia em que foi para o mar andou tudo à porrada lá dentro”)

RUMO À LIBERDADE

VAMOS AO FUTURO, SAÚDE E SORTE

REI LEÃO (o dono era do Sporting)

e... mesmo:

VIDAS DE SAL (construído para uma novela, cenário auspicioso para o sucesso)

As pinturas:

- estrela de cinco pontas, com carácter mágico, alumando o caminho;
- olho, “olho de Deus” que conduz a barca no bom caminho: “é preciso ir de olho bem aberto e como os da cara não vêem tudo”, o pescador volta-se para Deus que tudo vê.

Os nomes de barcos da Nazaré são escolhidos pelo homem e jamais pela mulher porque o barco faz parte do domínio da honra profissional masculina. Estes nomes são escolhidos entre os nomes próprios, nomes de terras, santos e figuras religiosas, frases de pendor religioso:

TÚNICA DE DEUS

COMPANHEIRO DE DEUS

GUARDADO POR DEUS

JÓIA SAGRADA

MILAGRE DE CRISTO

PESCA MILAGROSA

PRÍNCIPE DA PAZ

BUDA

Veja-se agora quais são os nomes dos barcos de estuário, de ria, de rio. São também nomes de mulher:

BONITINHA
LAURINDA
MARIA ANTONIETA
A POMBINHA

E são sobretudo nomes com que nunca poderiam ser baptizados barcos que correm o perigo do mar seja ele da costa, seja alto:

TOU DESGRAÇADO (Moita)
CRIANÇA SOFRE (Carrasqueira)

De notar que os nomes ligados ao afecto são quase invariavelmente nomes de mulher (como se o nome de mulher sempre garantisse a sobrevivência da espécie).

Nas águas serenas não surgem barcos necessitando de protecção divina (até sob a forma de ex-votos) mas haverá nomes jocosos ou auspiciosos em relação ao amor.¹⁰

Terra vs. mar: modos de vida dicotómicos

No arrumar da barca se vê o pescador

Os modos de vida anfíbios assumem frequentemente aspectos dicotómicos, se não mesmo, clivagens assumidas e aguerridas. Esta feição bipartida, rival mesmo, recorre em termos reveladores da distância que separa os da Terra e os do Mar.

¹⁰ Mais exemplos: DUAS IRMÃS, CORVO, CABEÇA NOVA, VOLTE JÁ, SÓNIA NETO, FAMÍLIA CARVALHO, NOVA ANGELINA, ESTREIA DO RIO, NOVA CARRASQUEIRA.

Nazaré: os **palecos** (os camponeses; depois os turistas, os de fora – como se o mar fosse o *dentro*) e os **pexins** (do Mar).

Póvoa do Varzim: os **peixes de coiro** (termo depreciativo para a gente da terra).

Os castiços (os da Terra) vs. os estrangeirados (os do Mar).

Os campónios, os terrunhos, montanheiros vs. os corajosos lobos do mar, mestres de embarcação.

Algumas cantigas mostram as divergências entre uns e outros:

Homens do mar não são homens
Varinos homens não são;
Onde chegam os campinos
Abre a terra, treme o chão.

Vale mais um homem do mar
Co'as mãos sujas de alcatrão
Que valem trinta da terra
Com as enxadas na mão.

Quem tem um homem do mar
Julga que tem algum duque
Tem um pastel de dez réis
C'uma pitada "d' açúcar".

Eu não quero ir ao campo
Que lá faz muito calor;
Eu não quero ser campina
Que o meu bem é pescador.

O meu amor é do mar
E vai a Lisboa e vem
Nossa Senhora mo guarde
Das ondas que o mar lá tem.

No verão cheio de calor
Muito pescador se passa
Uns abalam p'ro melão
Outros ficam à fataça. (Santos, 1959: 30-31, 111, 118, 123)

Da terra para o mar: para pescar e depois para navegar

No grande mar se cria o grande peixe

Jaime Cortesão (1993) afirma que os portugueses vieram de rebolão das serras para se enfiar no mar, ora para pescar perto da costa –

Eu fui esta noite ao mar,
Pesquei um peixe do rio,
É para a minha cachopa,
Que anda com muito fastio. (Graça, 1992: 160)

Eu fui ao mar p'ra pescar
Peixinhos de muita cor.
Quem namora sempre alcança.
Beijinhos do seu amor (Pestana, 1965: 138) -,

ora para pescar mais longe (a pesca do alto, a do bacalhau, significativamente o “fiel amigo” está praticamente ausente no cancionero popular português¹¹), ora para navegar e partir... com grande risco.

Uma das poucas quadras sobre a pesca do alto:

Pescador que vais ao longe,
Tu guia bem o navio;

¹¹ Pesquisa da aluna Sandra Araújo.

Lá dentro vai meu amor,
Não lhe dê nenhum desvio (Graça, 1992: 160).

Raça de marinheiros? Não! Raça que teve de se fazer marinheira e que pede ajuda ao divino:

Ó Senhora da Bonança,
Que estais cercada de anjinhos;
Socorrei os pescadores,
Lembraí-vos dos seus filhinhos!

Senhora da Encarnação,
Tem um telhado de vidro,
Que lhe deu um marinheiro
Que se viu no mar perdido.

Meu rico Senhor da Pedra
Que estás à beira do mar
P´ra guiar os navegantes
Livrá-los de naufragar.
(Ovar) (Vasconcelos, 1979: 313)

Já lá vai pelo mar fora,
Pelo mar fora lá vai.
Já lá vai o meu querido
A quem eu chamava pai. (Pestana, 1965: 150)

A vida do marinheiro,
É uma vida triste e dura,
Pois toda a vida trabalha,
Em cima da sepultura. (Graça, 1992: 159)

Reflexões

Vê o mar, e sê na terra

Generalizando (acto perigoso!) e tentando propor algumas conclusões diríamos que, na tradição popular, canta-se e trabalha-se quer na terra quer no mar; mas há muita terra, pouco mar. Diversos estudiosos referem a escassez de textos sobre o mar.¹²

Armando Leça (1945: 123, 195 e seg.), em *Música Popular Portuguesa*, nota: “Por que motivo este povo de marinheiros e pescadores tem no seu cancionero tão poucas melodias sobre o mar?”

Mesmo no *Cancioneiro Geral dos Açores* de Côrtes-Rodrigues (1982), o mar é quase um grande ausente.

Orlando Ribeiro, contrariando as teses de Jaime Cortesão e António Sérgio, que afirmavam a existência de um Portugal marítimo desde a primeira hora, defendeu que as lides relacionadas com o mar tinham sido sempre “limitadas, fragmentárias, intermitentes”, quando confrontadas com o “labutar permanente dos campos”, acrescentando que, embora a influência indirecta do Atlântico atingisse quase metade do país, o domínio marítimo estava limitado à estreita orla litoral. Pois, ainda que muitas povoações vivessem da pesca, do sal e do sargaço, apesar da sua relevância para a subsistência das grandes cidades portuárias, havia “regiões inteiras insensíveis à sua presença próxima” (Ribeiro, 1991: 129).

Quando, na tradição popular portuguesa, o mar é cantado, ele é sobretudo um mar onde se pesca para a sobrevivência.

¹² E também escassez de pinturas. Cf. França (1998).

Há inúmeros provérbios sobre pescadores e peixe:

Boa é a truta, bom é o sável, bom é o salmão quando é sazão.

A pescada de Janeiro vale um carneiro.

Por S. Marcos, bogas a sacos.

Sáveis, por S. Marcos, enchem os barcos.

Peixe de Maio, a quem vo-lo pedir, dai-o.

Mas, mesmo que os textos falem do mar, da pesca, dos pescadores e sobretudo do peixe,¹³ isso não significa que façam necessariamente parte do repertório das gentes do mar. José Alberto Sardinha crê que pertencem ao “repertório das gentes da terra, dos camponeses, e alguns do interior, bem longe do mar.” (Sardinha, 2000)

Mar não só pouco cantado, como também pouco visitado:

Vi um homem, que viu outro homem, que viu o mar – diz um provérbio.

“Eu um dia fui ao mar”, canta-se na serra algarvia.¹⁴

Poderíamos continuar a especular: se a lírica pouco fala do mar, será porque os próprios pescadores não cantam?

Existem alguns (raros) registos do “único canto funcional conhecido da faina do mar”:

Leva-leva

O canto dos pescadores algarvios, recolhido a bordo do *Nicete*, a 20 milhas de Portimão. Utilizado, ao que parece, apenas na pesca da sardinha, foi cantado ao dealbar do dia, e durante quase uma hora, por 15 pescadores dos 18 homens que compunham a equipagem. O canto, sobre a simples interjeição: *Leva, leva!*, é constituído por uma expressiva melodia em menor, partilha, à guisa de pergunta e resposta, entre um como

¹³ Vd. Andreia Cavaleiro (2004).

¹⁴ O mar (do narrador Arsénio Boto Guerreiro) que “um dia se vai ver”, aparece em despique com a terra nas voltas do mote. Cf. Tengarrinha (1999: 229): “Eu sou Mar e tu **és Terra**/ E anuncia a tua grandeza/ Qual de nós tem mais virtude/ E qual de nós tem mais riqueza./ Responde a Terra:/ Eu sou Terra e tu és Mar/ Só tens é o peixe teu/ Eu sou rica e tu és pobre/ Tudo quanto tens é meu.”

que corifeu e o resto do coro. O seu obsessivo ritmo é funcionalmente adaptado ao movimento e ao esforço concertados do levantar das redes. Os gritos de estímulo, que ao canto se sobrepõem, acrescentam uma viva nota realista ao dramatismo do quadro (Lopes-Graça / Giacometti, 1998).

Em Peniche, José Alberto Sardinha registou junto de alguns pescadores outro tipo de música, não propriamente de trabalho, mas de simples entretenimento:

enquanto a traineira se faz ao largo, espera que o peixe venha à rede, ou regressa a terra já carregada com a safra, um pescador, para deleite seu e dos outros camaradas que o escutam, toca na harmónica de boca, vulgo «gaitinha», um fado, um fandango, um corridinho e, outras vezes, ouve-se um deles cantar um dos fados mais divulgados pela rádio. Em qualquer dos casos, estamos perante repertório usado no mar, mas não exclusivo ou próprio, em termos de funcionalidade, dos trabalhos do mar (tal como definimos acima os cantos de trabalho), nem sequer música oriunda doutras funções e adaptada às tarefas marítimas, antes simples música de passatempo. (Sardinha, 2000: 100)

Segundo testemunho de pescadores de Sesimbra, cantam-se fados (*Olhá mala...*), mas só na pesca da traineira.

E se cantarem..., os pescadores não contam aquilo que cantam? Santos Graça (1992: 17-19) em *O Poveiro* fala da dificuldade em aceder ao mundo dos pescadores (gente forte, rude) pela parte dos *peixes de coiro*, gente que os “acossa” e que eles evitam... Serão de facto gente que não comunica? Orlando Ribeiro fala da “comunidade fechada” (Ribeiro, 1991: 127) dos pescadores.

E a aventura atlântica? Na lírica popular portuguesa não há praticamente mar atlântico, viagem à descoberta. Dito de outro modo: a lírica popular chega ao século XIX e XX sem incorporar a epopeia marítima.

Uma excepção num lenço de namorados:

Meu Manel bai pró Brazil
Eu tamem bou no bapor
Gardado no coração
Daquele qué meu amor.

E outra quadra cantada no Douro Litoral:

Já me levam para a Índia
 Preso que nem um ladrão
 Por dar beijos e abraços
 Que na Índia também se dão (Leça, 1940: 18).

E no folclore madeirense:

Minha papoila da Índia,
 Rica flor qu'ela me deu!
 Oh, quem me dera apilhar
 O teu rosto ao pé do meu! (Pestana, 1965: 135)

Ó ondas do mar, levai-me
 Capitão, faz-me favor,
 Deitai-me no cais d'América,
 Onde tenho o meu amor. (*Idem*: 151)

Um dos únicos textos convocando naus, mastros, marinheiros é curiosamente um texto do Romanceiro e não do Cancioneiro (logo: mais épico do que lírico). É por – ao contrário da poesia lírica – o Romanceiro ter em comum com o mar atlântico uma feição épica que alguns romances (Bela Infanta, Nau Catrineta) envolvem a viagem?

Teófilo Braga afirma que “ao invés do que sucede na cultura da Galiza, o mar em Portugal é menos motivo de elegia que motivo de epopeia, ‘caminho de acção” (Coelho, 1977: 22). Trata-se do conhecido romance Nau Catrineta, recorrente nos manuais escolares desde o Estado Novo e da sua política de promoção da expansão nacional (Seixo, 1998) até à epopeia promovida sob outros moldes pela Expo’98 – epopeia de “indagação dos mares” (*Idem*) – sobre os Oceanos (Ruivo, 1998).

A Nau Catrineta refere-se ao naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil em 1565; mas o romance parece provir de uma balada europeia anterior ao século XVI. Teófilo Braga insere-o no ciclo odisseico ou atlântico dos romances heróicos e novelescos (Sardinha, 2000: 120).

Uma versão recolhida por Pere Ferré na Madeira apresenta dados raros relativamente ao comércio das especiarias:

Que daravas tu, capitão, quem te levass'á à tua terra?
 – De três azenhas que tenho, eu todas três vos las dera;
 Uma que moía cravos, outra cravos e canela,
 Uma moía pão alvo para o rei de Castela. (Ferré, 1982: 311)

Ora este é, ironicamente, um romance de uma navegação falhada ou em riscos de falhar, num cenário de fome, prestes a um momento de canibalização da comunidade:

Lá vai a Nau Catrineta, já não pode navegar
 Já de beber não havia, nem havia que manjar
 (Faro) (Ferré, 2000-01: 182)

Veja-se também, no *Romanceiro*, o caso do romance *Regresso do navegante* em que, na volta do mar, o sobrinho interpela a tia e fica confrontado com a morte, a ausência definitiva rimando com a distância vivida:

– Qu'é de mê pai e minha mãe qu'é os quero abraçar?
 – Tê pai é morto, sobrinho, tua mãe foi a enterrar.
 – Qu'é da minha armada, tia, qu'eu aqui deixei ficar?
 – A tua armada, sobrinho, foi pr'á fronteira do mar. (Ferré, 1982: 85)

Acrescente-se ainda que o *Romanceiro* é “um dos mais viajados géneros de transmissão exclusivamente oral”. Existem temas ou versões diferentes dos mesmos romances no Brasil e em Goa. Mas as próprias quadras também viajaram, conforme prova Luísa Freire propondo a Rota da Quadra paralela à Rota da Seda; só que esse transaccionar de textos parece ter acontecido sem que eles incorporassem a viagem (Freire, 1999).

Porquê esta omissão, este desinteresse, este ignorar da experiência atlântica, da “indagação dos mares” (Seixo, 1998)?

Especulemos: porque interessa a esta lírica (de fundo medieval, mas transmitida oralmente incorporando novos motivos até ao presente) não tanto a partida, a

aventura, mas sobretudo a proximidade, o amor (a vida, a memória)? De facto, a viagem, a distância, só suscitam o esquecimento, o adultério, a morte.

Parece ser assim: a lírica (de que são exemplos estes cantos funcionais que aqui vos apresentamos) não adere à aventura marítima.

Porque quem viaja não canta e quem canta não viaja?

Porque a tradição oral é dos que ficam e não dos que partem? Será a fala dos que sofrem a ausência do amado (ficaram *a ver navios?*), dos que não largaram o calhau plantado à beira-mar?

O mito do mar atlântico, o dos portugueses navegantes, o deste “país de marinheiros” (Nobre, 1892) vem então de onde? De Luís de Camões? Decerto daquela que ficou sendo a literatura consagrada, erudita.

Porque a apologia dos que partem é feita pelas elites?

A mitificação da nossa relação com o mar parece ser feita pelos poetas e pelos *de fora*, que nos olham, os estrangeiros, que nos cultuam.

Ainda assim ... que mar acontece? Que mar se canta?

Olhamos primeiro a terra para poder partir para o entendimento do mar. Firmes no solo olhando / reparando que mar *faz* nestes textos.

A terra é mãe alimentadora, próxima, familiar, íntima; a terra é corpo feminino que o macho e o arado lavram. Pelo contrário, o mar não é parente nem parceiro do humano. O mar é *vivo*; mas não fala (nem deixa que nele redija a pena):

Ó mar que és vivo e não falas
Água que corres, não cansas;
Agora é que estou para ver
As tuas determinanças. (Graça, 1992: 160)

É macho, verdade se diga...

Até o mar é casado
Até o mar tem mulher;
É casado com areia,
Bate nela quando quer. (*Ibidem*)

... e é "bruto" como o pescador:

Se fores ao mar pescar
P'ra que a sorte te não deixe,
Faz-te bruto, bruto, bruto
Que quanto mais bruto mais peixe. (Vasconcelos, 1975: 274)

Apesar de ser macho, dessa masculinidade não parecem resultar crias. Poder-se-ia afirmar ousadamente regressando ao sentido etimológico: o mar não é natureza (de *nasci*, nascer) – porque o mar não é propriamente fértil nem fecundável. Não gera; quando muito, deixa sair. Se quer ter peixe... tem de invocar o divino.

O mar pediu a Deus peixe
Para dar ao pescador;
Vou a Deus pedir a vida,
Para dar ao meu amor. (Graça, 1992: 162)

O mar é insensível:

Ó mar, caixão dos navios
Ó cama dos marinheiros
Debaixo da vela grande
Se aguantam os aguaceiros. (*Ibidem*)

O mar é injusto mais do que caprichoso (a terra terá caprichos, mas esses são os do tempo das coisas naturais). O mar é o inumano, o sublime. É esmagador e ameaça o sentido de sobrevivência do humano. O mar é *medida*, isso sim, aquele elemento que supera o mal do mundo, que o limpa no fim da jornada existencial:

Pela boca do profundo,
Tudo se some no mar.
Pela boca deste mundo
Também tudo há-de passar. (*Idem*, 160)

Água do rio vai turva
Chega ao mar 'acalarece'
É muito tolo no mundo
Quem por amores endoidece.

Menina, que tanto sabe,
Responda-me a esta pergunta,
Que ciência tem o mar,
Que tanta água em si junta?

– A ciência que o mar tem
Não é coisa de pasmar:
Não há rio, nem regato
Que não vá ao mar parar. (Vasconcelos, 1975: 182)

Ainda assim o mar tem fundo e há corações que... nem isso:

Todo o mar corri à vela,
Sempre de prumo na mão;
Em todo o mar achei fundo,
Só no teu coração não. (Graça, 1992: 161)

A tormenta no mar pode ser preferível às tormentosas falas da terra:

Ó mar alto, ó mar alto
Ó mar alto sem ter fundo
Mais vale andar no mar alto
Do que nas bocas do mundo.

Eu já caí no mar largo,
De joelhos, fui ao fundo,
Antes cair no mar largo
Do que nas bocas do mundo. (*Idem*, 160)

O mar é sagrado (“águas sagradas de Nossa Senhora da Nazaré”), mas é também ladrão:

Ó mar sagrado, ladrão
Quantas almas tens em ti!
Tu roubaste o meu amor,
Já te vingaste de mim! (*Idem*, 163)

O mar rouba o amor. Leva e não devolve; suscita ódio e vingança:

Eu hei-de ir àquele mar
Hei-de arrazá-lo com ais,
Que me traga ao meu amor
Assim como traz os mais. (*Ibidem*)

Desejável seria que o mar se tornasse terra, de preferência ajardinada:

O meu amor foi p'ró mar
Não se despediu de mim
Que o mar se faça em rosas
E a traineira num jardim. (Sardinha, 2000: 132)

E regressamos ao título: Lavar / Navegar

Lavar

Lavar sobretudo a terra (como um corpo... a cultivar).

Lavar, em caso de necessidade, o mar (levando consigo os animais da terra para puxar a rede da *safra* do peixe – arte *xávega*).

Navegar

Navegar no mar raramente e só por necessidade...

O mar sagrado me disse
Que fosse ser marinheiro;
Qu'era em cima das suas ondas
Que se ganha bom dinheiro. (Pestana, 1965: 193)

Pedindo protecção:

Minha Senhora da Guia
Guiai os homens no mar,
E mais a minha lanchinha
Bem na vedes navegar. (Graça, 1992: 159)

Meu amor, tu não embarques,
Não te atires ao navio;
Olha que as ondas do mar,
Não são as ondas do rio. (*Idem*, 161)

Navegar no corpo, no corpo do outro (frequentemente – e pedindo outra espécie de protecção, a correspondência):

Eu fui ao mar de joelhos
De joelhos fui ao fundo...

Tenho dentro do meu peito,
Duas espinhas de peixe;
Uma diz que te não ame,
Outra diz, que te não deixe. (*Ibidem*)

Eu navego nos teus olhos
E tu no meu coração

Meus olhos são dois peixinhos
Navegam numa canoa,
Choram lágrimas de sangue
Por uma certa pessoa. (*Idem*, 162)

Os olhos do meu amor
São dois navios de guerra,
Quando vão pelo mar dentro,
Deitam faúlhas para terra. (*Ibidem*)

Ó minha estrela do norte.
Agulha de marear;
Por ela é que eu me regulo,
Quando te quero falar. (*Ibidem*)

Antes de finalizar, um esconjuro:

Para afastar o enguiço que o azeite derramado provoca, deita-se-lhe uma mão cheia de sal em cima e diz-se “Quando este sal chegar ao mar é que havemos de ralhar.”

Este sal vertido sobre o azeite nunca chegará ao mar. Nunca ralharemos. Nunca deixaremos de ser da terra, de querer morrer nela (*ser enterrado e não desaguar algures numa praia...*).

Rematamos dizendo que o mar da tradição é o mar da sobrevivência, não o das riquezas do Oriente. O litoral, território charneira, que resulta do encontro entre duas realidades distintas e que dificilmente se insere “nas categorias tradicionais de representação do território” (Cloarec / Kalaora, 1994: 9), assume-se profundamente agro-marítimo. A tradição espelha-o na forma como o canta e como o conta, falando desse mundo híbrido onde os bois vinham lavrar as ondas, o sargaço garantia o sustento dos campos e os homens, pescadores no verão, eram lavradores no inverno, quando o vento encapelava as vagas e convidava a ficar em terra.

E para encerrar uma adivinha popular:

São três coisas:
Uma diz que vamos,
Outra que fiquemos,
Outra que dancemos? (Vasconcelos, 1882: 84)¹⁵

¹⁵ Um conselho: para perceber a adivinha regressa-se ao fim da introdução.

Bibliografia

- Barreto, Luís Filipe (2000), *Lavrar o mar. Os portugueses e a Ásia (c. 1480-1630)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- Bouedec, Gérard (2002), "La pluriactivité dans les sociétés littorales XVIIe-XIXe siècle", *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*, n.º 109-1.
- Braga, Teófilo (1894), *A Pátria Portuguesa. O Território e a Raça*, Porto, Editora Livraria Ernesto Chardron.
- Camões, Luís (1572), *Os Lusíadas*, Lisboa, Em casa de António Gôçalvez.
- Cavaleiro, Andreia (2004), "Cancioneiro: Peixes, pássaros e nós", in Ana Paula Guimarães / João L. Barbosa / Luís Cancela Fonseca (org.), *Falas da Terra. Natureza e Ambiente na Tradição Popular Portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, pp. 239-246.
- Cloarec, Jacques / Kalaora, Bernard (1994), "Littoraux en perspectives. Introduction", *Études rurales*, n.º 133-134.
- Coelho, Jacinto do Prado (1977), *Originalidade da Literatura Portuguesa*, Lisboa, ICP.
- Côrtes-Rodrigues, Armando (1982), *Cancioneiro Geral dos Açores*, 3 vols, Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
- Cortesão, Jaime (1993), *História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Cortesão, Jaime (1978), *Os factores democráticos na formação de Portugal*, Lisboa [1930].
- Eça, V.A. d' (1895), *Lições de História Marítima Geral*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Fanha, José / Letria, José Jorge (ed.) (2003), *Cem Poemas Portugueses sobre Portugal e o Mar*, Lisboa, Terramar.
- Faria, Fernando Godinho (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*.
- Ferré, Pere (e outros) (2000-2001), *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna – Versões publicadas entre 1928 e 1960*, II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferré, Pere (1982), *Romances tradicionais. Subsídios para o Folclore da Região Autónoma da Madeira*, colab. de Vanda Anastácio / José Joaquim Dias Marques / Ana Maria Martins, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal.
- Freire, Luísa (1999), *O Feitiço da Quadra*, Lisboa, Vega.

- Freitas, Joana Gaspar (2016), "La côte portugaise dans la tradition populaire: adaptation, détermination et durabilité", in GIS d'Histoire Maritime (ed.), *La Maritimisation du Monde de la Préhistoire à nos Jours*, Paris, Presses de L'Université Paris-Sorbonne, pp. 61-85.
- Freitas, Joana Gaspar (2013), "Paisagens simbólicas do litoral: antigas leituras, novas tradições", in Clara Sarmento (ed.), *Entre Margens e Centros: Textos e Práticas das novas Interculturas*, Porto, Afrontamento, pp. 165-182.
- França, José Augusto (1998), *Jornal de Letras*, 20 Maio.
- Gedeão, António (2003), "Poema da Malta das Naus", in Fanha, José / Letria, José Jorge (ed.), *Cem Poemas Portugueses sobre Portugal e o Mar*, Lisboa, Terramar.
- Graça, António dos Santos (1992), *O Poveiro*, Lisboa, D. Quixote [1932].
- Guimarães, Ana Paula (2004), "Falas de... Ana Paula Guimarães", in Ana Paula Guimarães / João L. Barbosa / Luís Cancela Fonseca (org.), *Falas da Terra. Natureza e Ambiente na Tradição Popular Portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- Lamas, Maria (2002), *As mulheres do meu país*, Lisboa, Editorial Caminho [1948-50].
- Leça, Armando (1945), *Música Popular Portuguesa*, Editorial Domingos Barreira.
- (1940), *Cancioneiro músico-popular: relatório dos trabalhos de recolha para a organização duma discoteca de música popular portuguesa*, Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários.
- Lopes-Graça, Fernando / Giacometti, Michel (1998), *Música Regional Portuguesa, Portuguese Folk Music*, vol. V – Algarve, Strauss.
- Lourenço, Eduardo (1997), *Nós como Futuro*, Lisboa, Pavilhão de Portugal EXPO'98 e Assírio & Alvim.
- Martins, J.P.O (1972), *História de Portugal*, Lisboa, Guimarães Editores [1897].
- Nobre, António (1892), *Só*, Paris, Léon Vanier Éditeur.
- Peralta, Elsa (2008), "O Mar como património: considerações acerca da identidade nacional", in Francisco Oneto Nunes (ed.), *Culturas Marítimas em Portugal*, Lisboa, Âncora Editora, pp. 73-83.
- Oliveira, Ernesto Veiga / Galhano, Fernando / Pereira, Benjamim (1990), *Actividades Agro-Marítimas em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote.
- Pestana, Eduardo Antonino (1965), *Ilha da Madeira*, I – Folclore Madeirense. Edição da Câmara Municipal do Funchal.

- Polónia, Amélia (2010), "Le gens de mer et les communautés littorales: approches pour une synthèse de l'historiographie portugaise", *Revue d'Histoire Maritime*, n.º 10-11, pp. 175-194.
- Ribeiro, Orlando (1991), *Portugal – o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Sá da Costa [1945].
- Rebelo, Pequito (1929), *A Terra Portuguesa*. Lisboa, Ottosgráfica.
- Ruivo, Mário (1998), "Entrevista", *Jornal de Letras*, 20 de Maio.
- Sampaio, Alberto (1979), *Estudos Históricos Económicos*, vol. II, Lisboa [1923].
- Santos, Maria Adelaide Neto (1959), *Os Avieiros. Estudo de Geografia Humana*, Dissertação de Licenciatura, Lisboa, FLUL.
- Sardinha, José Alberto (2000), *Tradições Musicais da Estremadura*, Vila Verde, Tradisom.
- Seixo, Maria Alzira (1998), "A experiência da viagem na literatura portuguesa", *Jornal de Letras*, 20 de Maio.
- Sérgio, António (1973), *Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora [1941].
- Souto, Henrique (2007), *Comunidades de pesca artesanal na costa portuguesa na última década do século XX*, Lisboa, Academia da Marinha.
- Teles, Silva (1929), *Aspectos Geográficos e Climáticos*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Tengarrinha, Margarida (1999), *Da Memória do Povo – Recolha de Literatura Popular da Tradição Oral do Concelho de Portimão*, Lisboa, Edições Colibri.
- Vasconcelos, J. Leite (1979), *Cancioneiro Popular Português*, coord. Maria Arminda Zaluar Nunes, vol. II, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis.
- Vasconcelos, J. Leite (1975), *Cancioneiro Popular Português*, coord. Maria Arminda Zaluar Nunes, vol. I, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis.
- Vasconcelos, J. Leite (1882), *Tradições populares de Portugal*, Porto, Livraria Portuense de Clavel & C.º – Editores.